

Melebranche, Nicolas

Diálogos sobre a metafísica e a religião: primeiro diálogo /

Oficinas de tradução. Departamento de Filosofia. Universidade Federal do Paraná. – [Curitiba]:

Ed. SCHLA/UFPR, 2011. 26 p. – (Traduzindo: Textos filosóficos na sala de aula)

ISBN 978-85-99229-10-1

Primeiro Diálogo

Sobre a alma. Que a alma é distinta do corpo. Sobre a natureza das ideias. Que o mundo onde nossos corpos habitam e para o qual olhamos é muito diferente daquele que vemos.

Teodoro: Muito bem, meu caro Aristo, já que isso lhe interessa, vou lhe apresentar minhas visões metafísicas. Mas, para isso, é preciso que eu abandone esses lugares encantados que ludibriam os nossos sentidos e que, dada a sua variedade, dispersam um espírito como o meu. Convido-o a abandonarmos esse lugar, pois estou extremamente apreensivo de que alguns dos meus preconceitos ou os princípios obscuros originados da união entre a alma e o corpo sejam tomados como respostas imediatas da verdade interior. Além disso, temo que aqui eu não consiga, como talvez você consiga, fazer calar um certo ruído dispersivo que semeia a confusão e o engano em todas as minhas ideias. Vamos para o seu gabinete a fim de adentrarmos mais facilmente em nós mesmos; de tal modo que nada nos impeça de consultar nosso mestre comum, a Razão Universal. Pois a verdade interior é que deve presidir nosso diálogo. Ela é que deve me ditar o que devo lhe dizer e aquilo que você deseja aprender por meu intermédio. Em uma palavra, compete somente a ela julgar e pronunciar-se sobre nossas discordâncias. Hoje pensaremos somente em filosofar, e você, embora seja inteiramente submisso à autoridade da Igreja, deseja que eu lhe fale inicialmente como se você recusasse as verdades da Fé como princípios do nosso conhecimento. De fato, os percursos do nosso espírito devem ser regulados pela Fé, mas é a Razão soberana que deve lhe prover inteligência.

Aristo: Vamos aonde você quiser, Teodoro. Desgosta-me tudo o que vejo neste mundo material e sensível, desde que lhe ouvi falar de um outro mundo repleto de belezas inteligíveis. Eleva-me a esse lugar afortunado e encantado. Faça-me contemplar todas aquelas maravilhas de que outro dia você me falava de uma maneira tão magnífica e com ares de contentamento. Estou pronto, então, para lhe seguir por esse país que você acredita ser inacessível àqueles que não escutam senão os seus sentidos.

Teodoro: Você está zombando de mim, Aristo. Mas isso não me incomoda. Você ri de mim de uma maneira tão delicada e tão honesta que eu percebo que sua intenção é apenas se divertir e não me ofender. Perdoo-o por isso. Você se deixa levar por sua imaginação bem humorada. Mas, permita-me dizer, você fala do que não entende. Não, de modo algum eu o conduzirei a uma terra estrangeira, mas talvez eu consiga mostrar que você mesmo é estrangeiro no seu próprio país. Mostrarei que esse mundo que você habita não é absolutamente como você acredita que ele seja, porque efetivamente ele não é tal como você o vê ou o sente. Os seus juízos sobre todos os objetos que lhe cercam são baseados no testemunho dos seus sentidos, que lhe seduzem infinitamente mais do que você poderia imaginar. Esse não é um testemunho fiel, exceto no que diz respeito ao bem do corpo e à conservação da vida. Em relação a todo o resto, não há nenhuma exatidão, nenhuma verdade no seu depoimento. Você verá tudo isso, Aristo, sem abandonar a si mesmo, sem que eu tenha que lhe elevar àquele lugar encantado que sua imaginação lhe representa. A imaginação é uma tola que se diverte loucamente. Seus lampejos, seus movimentos imprevisíveis são apenas motivos para a nossa diversão. Mas, por favor, em nossas conversas é preciso que a Razão seja sempre a soberana. É ela que deve decidir e sentenciar. Ora, a Razão se cala e nos escapa sempre que a imaginação se coloca em seu caminho e que, em vez de lhe impor silêncio, damos ouvidos às suas brincadeiras e detemo-nos nos diversos fantasmas que ela nos apresenta. Se você deseja entender clara e distintamente as respostas da verdade interior, mantenha a imaginação sob o jugo da Razão e a faça calar-se.

Aristo: Você leva muito a sério o que eu lhe disse sem refletir. Peço-lhe desculpas por esse meu pequeno excesso. No entanto, discordo que...

Teodoro: De maneira alguma você me incomoda, Aristo. Na verdade, você me diverte. Pois, mais uma vez, você demonstra possuir uma imaginação viva e agradável e não tenho nenhuma dúvida de seu bom coração, de tal modo que você nunca me incomodará e sempre me divertirá, ao menos enquanto não zombar de mim pelas costas. O que lhe digo tem por objetivo apenas lhe fazer entender que você possui uma terrível oposição à verdade. Essa qualidade que o faz brilhar diante dos homens, que o faz conquistar os corações, que atrai para si a estima dos outros, que torna a sua companhia desejada por todos que o conhecem, enfim, essa mesma qualidade é também a inimiga mais irreconciliável da Razão. Eu lhe antecipo um paradoxo cuja verdade não posso demonstrar agora. Mas você logo a reconhecerá a partir de sua própria experiência e talvez apreenderá as razões dela durante a nossa conversa. Há ainda um longo caminho a nossa frente. Mas, creia-me, o estúpido e o erudito resistem igualmente à verdade. Há, entre eles, apenas esta diferença: normalmente, o estúpido a respeita, enquanto o erudito a ignora. Entretanto, se estiver realmente determinado a conter sua imaginação, não encontrará nenhuma dificuldade para chegar ao lugar onde a Razão apresenta suas respostas. E, após dedicar algum tempo a compreendê-la, tudo aquilo que antes o encantou lhe será apenas objeto de desprezo e, se Deus tocar seu coração, será também objeto de profundo desgosto.

Aristo: Então vamos logo, Teodoro. Suas promessas me causam um ardor que não posso descrever. Seguramente farei tudo o que me ordenar. Apressemos o passo... Graças a Deus, finalmente chegamos ao lugar apropriado para a nossa conversa. Entremos... Sente-se... Há alguma coisa aqui que possa nos impedir de adentrarmos em nós mesmos para consultar a Razão? Você gostaria que eu fechasse todas as passagens de luz, para que as trevas escondam tudo o que há de visível neste quarto e que pode tocar nossos sentidos?

Teodoro: Não, meu caro. A escuridão toca nossos sentidos tanto quanto a luz. Ela esconde o brilho das cores. Mas, neste momento, a escuridão poderia provocar certa agitação ou certo temor na nossa imaginação. Apenas feche as cortinas, para que essa luz intensa do meio-dia não nos incomode nem dê muito brilho aos objetos... Assim, está ótimo, sente-se. Rejeite, Aristo, tudo o que adentrou o seu espírito por meio dos sentidos. Silencie sua imaginação. Que tudo no seu interior esteja no mais completo silêncio. Esqueça até mesmo, se puder, que você tem um corpo e pense somente naquilo que vou lhe dizer. Em uma palavra, preste atenção e não zombe de meu preâmbulo. A atenção é a única coisa que lhe peço. Sem esse trabalho, esse combate do espírito contra as impressões do corpo, nenhuma conquista no reino da verdade poderá ser feita.

Aristo: Que assim seja, Teodoro. Mas permita-me interrompê-lo quando não conseguir acompanhá-lo.

Teodoro: Está certo. Escute-me:

I. O nada não possui propriedades. Penso, logo sou. Mas o que sou eu, eu que penso, no momento em que penso? Seria eu um corpo, um espírito, um homem? Nada sei sobre isso ainda. Sei somente que, no momento em que penso, sou alguma coisa que pensa. Mas vejamos: poderia um corpo pensar? Poderia uma extensão em comprimento, largura e profundidade refletir, desejar, sentir? Sem dúvida que não, pois todas as maneiras de ser de uma tal extensão não são mais que relações de distâncias, e é evidente que essas relações não são percepções, raciocínios, prazeres, desejos ou sentimentos – em uma palavra, não são pensamentos. Portanto, esse eu que pensa, minha própria substância, não é um corpo, dado que minhas percepções, que seguramente me pertencem, não são relações de distância.

Aristo: Parece-me claro que todas as modificações da extensão não podem ser mais do que relações de distância e que, desse modo, a extensão não pode conhecer, querer, sentir. Mas talvez meu corpo seja algo além da extensão. Pois parece-me que é meu dedo que sente a dor da picada, que é meu coração que deseja, que é meu cérebro que raciocina. Tudo isso me é ensinado pelo sentimento interior do que se passa em mim. Prove-me que meu corpo não é nada

além da extensão e eu concordarei com você que meu espírito – ou aquilo que em mim pensa, deseja e raciocina – não é material ou corporal.

II. Teodoro: O quê? Aristo, você acredita que seu corpo é composto de alguma outra substância além da extensão? Será que você não compreende que basta haver a extensão para que a partir dela sejam formados, por meio do espírito, um cérebro, um coração, os braços e as mãos e todas as veias, as artérias, os nervos e tudo aquilo de que nosso corpo é composto? Se Deus destruísse a extensão do seu corpo, será que você ainda teria cérebro, artérias, veias e tudo mais? Você consegue conceber que um corpo possa ser reduzido a um ponto matemático? Pois, que Deus possa formar tudo o que há no universo a partir da extensão de um grão de areia, disso eu não duvido. Seguramente, onde não há nenhuma extensão – eu disse, nenhuma – não há absolutamente nenhuma substância corporal. Pense seriamente em tudo que acabo de lhe dizer e, para se convencer disso, preste atenção. Tudo o que é, ou pode ser concebido isoladamente, ou não pode ser concebido de maneira alguma.

Entre essas duas proposições não há meio termo, pois são contraditórias. Ora, tudo que se pode conceber isoladamente e sem pensar em outra coisa – que se pode, digamos, conceber como existindo independentemente de qualquer outra coisa ou sem que a sua ideia também represente qualquer outra coisa – é um ser ou uma substância; e tudo o que não se pode conceber isoladamente ou sem pensar em alguma outra coisa é uma maneira de ser ou uma modificação da substância.

Por exemplo, não se pode pensar numa esfera sem pensar na extensão. A esfera não é, pois, um ser nem uma substância, mas uma maneira de ser. Pode-se pensar a extensão sem pensar particularmente em nenhuma outra coisa. Então, a extensão não é absolutamente uma maneira de ser, ela própria é um ser. Uma vez que a modificação de uma substância não é senão a própria substância de uma ou de outra maneira, é evidente que a ideia de uma modificação contém necessariamente a ideia da substância da qual ela é a modificação. E uma vez que a substância é um ser que subsiste em si mesmo, a ideia de uma substância necessariamente não contém a ideia de um outro ser. Para distinguir as substâncias ou os seres das modificações ou maneiras de ser, não temos nenhum outro meio senão as diversas maneiras como apreendemos as coisas.

Ora, reflita consigo mesmo, não é verdade que você pode pensar na extensão sem pensar em qualquer outra coisa? Não é verdade que você pode apreender a extensão isoladamente? A extensão é, portanto, uma substância e não é absolutamente um modo ou uma maneira de ser. Portanto, a extensão e a matéria não são mais que uma mesma substância. Ora, posso perceber meu pensamento, meu desejo, minha alegria, minha tristeza, sem pensar na extensão e mesmo supondo que não haja absolutamente nenhuma extensão. Todas essas coisas não são, portanto, modificações da extensão, mas modificações de uma substância que pensa, que sente, que deseja e que é muito diferente da extensão.

Todas as modificações da extensão consistem apenas em relações de distância. Ora, é evidente que meu prazer, meu desejo e todos os meus pensamentos não são relações de distância. Pois todas as relações de distância podem ser comparadas, medidas, determinadas exatamente pelos princípios da geometria, e não se pode nem comparar nem medir dessa mesma maneira nossas percepções e sentimentos. Então, minha alma não é de forma alguma material. Ela não é a modificação do meu corpo. É uma substância que pensa e que em nada se assemelha à substância extensa de que meu corpo é composto.

Aristo: Isso me parece demonstrado. Mas o que se pode concluir disso?

III. Teodoro: Posso concluir uma infinidade de verdades. Pois a distinção entre a alma e o corpo é o fundamento dos principais dogmas da filosofia, entre eles, o da imortalidade de nosso ser. Pois, diga-se ainda de passagem, se a alma é uma substância distinta do corpo e não uma modificação dele, é evidente que mesmo quando a morte aniquila a substância de que nosso corpo é composto – o que ela não faz – disso não resulta o aniquilamento da alma. Mas ainda não é o momento de tratar a fundo essa importante questão. Antes, é preciso que eu lhe prove muitas outras verdades. Esforce-se para prestar atenção nisto que vou lhe dizer.

Aristo: Continue. Seguirei seu raciocínio com toda a minha atenção.

IV. **Teodoro:** Penso em uma variedade de coisas: em um número, em um círculo, em uma casa, nesse ou naquele ser, no ser. Então, tudo isso é, ao menos no momento em que neles penso. Seguramente, quando penso em um círculo, em um número, no ser ou no infinito, em tal ser finito, eu percebo realidades; pois se o círculo que eu percebo nada fosse, ao pensar nele, eu pensaria em nada. Assim, eu pensaria e não pensaria, ao mesmo tempo. Ora, o círculo que eu percebo tem propriedades que nenhuma outra figura tem. Então, esse círculo existe no momento em que eu penso nele, visto que o nada não tem propriedades e que um nada não pode ser diferente de outro nada.

Aristo: O quê, Teodoro?! Tudo isso que você pensa existe? Quer dizer que seu espírito confere existência a este escritório, esta mesa, estas cadeiras, porque são pensadas por você?

Teodoro: Vamos com calma. Estou dizendo que tudo aquilo em que penso é ou, se preferir, existe. O escritório, a mesa, as cadeiras, tudo isso é, pelo menos no momento em que eu os vejo. Mas você confunde essas coisas que eu vejo com outras que eu não vejo. Saiba que há tantas diferenças entre a mesa que eu vejo e aquela que você acredita ver quanto há entre seu espírito e seu corpo.

Aristo: Eu entendo em parte, Teodoro, e me envergonho de o haver interrompido. Estou convencido que tudo aquilo que nós vemos, ou tudo aquilo em que pensamos, contém alguma realidade. Você não fala de objetos, mas de suas ideias. Sim, sem dúvida, as ideias que temos dos objetos existem no momento em que eles estão presentes em nosso espírito. Mas eu pensei que você estava falando dos próprios objetos.

V. **Teodoro:** “Os próprios objetos”! Não, ainda não chegamos a esse ponto. Esforço-me para conduzir minhas reflexões de maneira ordenada. Você ficaria surpreso com a quantidade de princípios que são necessários para demonstrar coisas que ninguém jamais ousou colocar em dúvida. Pois onde estão aqueles que duvidam que possuem um corpo, que andam sobre uma terra sólida, que vivem em um mundo material? Mas você logo saberá o que poucas pessoas compreendem bem – a saber, que se nosso corpo se desloca em um mundo corporal, nosso espírito, por sua vez, transporta-se sem cessar por um mundo inteligível que o afeta e que, desse modo, se torna sensível.

Uma vez que creem que suas ideias das coisas nada são, os homens conferem ao mundo criado muito mais realidade do que ele de fato possui. Eles jamais duvidam da existência dos objetos e lhes atribuem mais qualidades do que realmente possuem. Mas efetivamente eles se esquecem da realidade de suas ideias. Isso porque escutam apenas os seus sentidos e não consultam suficientemente a verdade interior. Pois, repito, é bem mais fácil demonstrar a realidade das ideias, ou, como você diz, a realidade daquele outro mundo repleto de belezas inteligíveis, que demonstrar a existência desse mundo material. Eis o porquê. As ideias têm uma existência eterna e necessária e o mundo corpóreo existe apenas porque Deus desejou criá-lo. Assim, para ver o mundo inteligível, basta consultar a Razão, que contém em si as ideias inteligíveis, eternas e necessárias, o arquétipo do mundo visível, algo que os espíritos racionais ou unidos à Razão podem fazer. Mas para ver o mundo material, ou sobretudo para afirmar que esse mundo existe – pois esse mundo é, por si mesmo, invisível – é necessário que ele nos seja revelado por Deus, porque não podemos por intermédio da Razão necessária conhecer as deliberações de suas vontades arbitrárias.

Ora, Deus nos revela a existência de suas criaturas de duas maneiras: pela autoridade dos Livros Sagrados e pela mediação de nossos sentidos. Pela primeira autoridade posta, que não podemos rejeitar, demonstra-se rigorosamente a existência dos corpos. Pela segunda, é suficientemente segura a existência desse ou daquele corpo. Mas essa última autoridade não é infalível, pois há quem acredite ver diante de si seu inimigo, quando se está muito distante dele; quem que acredite ver quatro patas, quando não tem diante de si mais que duas pernas; há ainda quem sinta dor em um braço que há muito foi amputado. Assim, na medida em que é uma

consequência das leis gerais da união da alma e do corpo, a revelação natural está sujeita ao erro, e eu lhe direi as razões disso. Mas a revelação particular não pode jamais conduzir diretamente ao erro, pois Deus não pode querer nos enganar.

Para atizar sua curiosidade e despertar sua atenção, faço aqui uma pequena digressão para que você perceba algumas verdades que lhe provarei em seguida.

Penso em um número, um círculo, um escritório, suas cadeiras ou, em suma, nesse e naquele ser. Penso também no ser ou no infinito, no ser indeterminado. Todas essas ideias têm alguma realidade no momento em que as penso. Disso você não pode duvidar, pois o nada não tem propriedades, enquanto as ideias as têm; elas iluminam o espírito ou se fazem conhecer por ele; e, por fim, algumas delas o afetam e nele se fazem sentir, de mil maneiras diferentes. Ao menos é certo que [a respeito da alma e do nada] as propriedades de um são bem diferentes daquelas do outro. Então, se a realidade de nossas ideias é verdadeira, e, mais ainda, se ela é necessária, eterna, imutável, eis-nos, eu e você, elevados a um mundo distinto deste onde nosso corpo habita: eis-nos em um mundo repleto de beleza inteligíveis.

Suponhamos, Aristo, que Deus aniquilasse todos os seres que ele criou, exceto você e eu, o seu e o meu corpo. (Eu lhe falo como falo a alguém que crê e que já sabe muitas coisas, e estou certo que nisso não estou enganado. Sei que lhe aborreceria se eu falasse de uma maneira menos exata, como se fala a alguém que não sabe nada de nada). Suponhamos, ainda mais, que Deus imprimissem em nosso cérebro todos os mesmos traços, ou melhor, que ele apresentasse a nosso espírito todas as mesmas ideias que teríamos hoje. Assim sendo, Aristo, em qual mundo passaríamos o nosso dia? Não seria em um mundo inteligível? Ora, preste atenção: é nesse mundo repleto de belezas inteligíveis que estamos e que vivemos, enquanto o corpo que animamos vive e se desloca em um outro mundo.

É esse mundo que admiramos, que contemplamos e que sentimos. Mas o mundo que enxergamos ou que observamos ao virar a cabeça em várias direções não é senão aquele da matéria invisível por si mesma e que não possui nenhuma daquelas belezas que admiramos e que sentimos ao enxergá-lo.

Peço-lhe que reflita sobre isto. O nada não tem propriedades. Assim, se o mundo fosse destruído, não haveria nenhuma beleza. Ora, supondo que o mundo fosse aniquilado, e que, todavia, Deus produzisse em nosso cérebro os mesmos traços ou, antes, que apresentasse ao nosso espírito as mesmas ideias que nele se produzem na presença dos objetos, nós veríamos as mesmas belezas. Logo, as belezas que vemos não são as belezas materiais, mas, sim, as belezas inteligíveis, tornadas sensíveis em consequência das leis da união da alma e do corpo, pois a suposta aniquilação da matéria não implica absolutamente a aniquilação das belezas que vemos ao olhar para os objetos ao nosso redor.

Aristo: Temo, Teodoro, que você tenha suposto uma falsidade. Pois se Deus tivesse destruído este quarto, certamente ele não seria mais visível, uma vez que o nada não tem propriedades.

VI. **Teodoro:** Você não está me acompanhando, Aristo. Seu quarto é, por si mesmo, absolutamente invisível. Você diz que, se Deus o houvesse destruído, ele não seria mais visível, pois o nada não tem propriedades. Isso seria verdadeiro se a visibilidade de seu quarto fosse uma propriedade que lhe pertencesse. Nesse caso, se ele fosse destruído, ele não seria mais visível. Concordo com isso, pois é verdadeiro em um sentido. Mas isso que vejo ao olhar para o seu quarto, quer dizer, voltando os meus olhos para observá-lo de todos os lados, será sempre visível, mesmo que seu quarto fosse destruído – ou até mesmo, se ele nunca tivesse sido construído! Sustento que um chinês que jamais tenha entrado aqui pode ver de seu país tudo isso que vejo quando enxergo o seu quarto, supondo – o que não é de modo algum impossível – que ele tenha o cérebro sensibilizado da mesma maneira que o meu quando observo o seu quarto. Aqueles que têm febre alta, aqueles que estão dormindo, acaso não veem todo tipo de quimeras, que jamais existiram? Ao menos durante o tempo em que é visto, tudo o que eles veem é. Mas o que acreditam ver não é; aquilo a que se refere o que eles veem não é absolutamente real.

Eu repito, Aristo, para ser bem exato: seu quarto não é visível. Não é propriamente seu quarto que vejo quando o enxergo, pois eu poderia ver tudo o que vejo neste momento, mesmo se Deus o houvesse destruído. As dimensões que vejo são imutáveis, eternas e necessárias.

Essas dimensões inteligíveis que me permitem representar todos esses espaços não ocupam lugar algum. As dimensões de seu quarto são, ao contrário, mutáveis e corruptíveis: elas ocupam um determinado espaço. Mas, falando essas verdades, creio estar multiplicando suas dúvidas. Pois você me parece bastante confuso, a ponto de não conseguir distinguir as ideias – que exclusivamente são visíveis por si mesmas – dos objetos que elas representam – que são invisíveis ao espírito, pois não podem agir sobre o espírito nem ser por ele representados.

[...]

X. **Teodoro:** ... Todas nossas ideias claras estão em Deus no que diz respeito à realidade inteligível delas. É apenas Nele que as vemos. Não pense que isso que eu lhe digo é novo. Essa era a opinião de Santo Agostinho. Se nossas ideias são eternas, imutáveis, necessárias, você deve admitir que elas não podem ser encontradas senão em uma natureza imutável. Sim, Aristóteles, Deus vê em si mesmo a extensão inteligível, o arquétipo da matéria de que o mundo é formado e onde nossos corpos habitam, e, mais ainda, é apenas Nele que as vemos. Pois nossos espíritos habitam exclusivamente a Razão universal, essa substância inteligível que contém em si as ideias de todas as verdades que descobrimos em consequência das leis gerais tanto da união do nosso espírito com essa mesma Razão, quanto da união de nossa alma com nosso corpo, cuja causa ocasional ou natural são simplesmente traços impressos no cérebro pela ação dos objetos ou pelo curso dos espíritos animais.